Poca:ter:e
poca:grer

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e Typografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João R. Santos

Telefone: C. 1635

O discurso de Elvas

De regresso á minha trincheira, tambem eu quero depôr sobre o tão discutido discurso de Elvas. Nunca é tarde para se restabelecer a verdade. E agora que o borborinho levantado á volta dele parece extinto, é que a mim, parte sensivel na questão, se me afigura oportuno dizer da minha justiça. Não é renovar de modo nenhum um debate já arrumado. Mas é definil-lo nos seus termos exactos, afim de evitar apreciações mal cabidas de juizos menos certos.

Quanto a mim; as palavras do senhor Dr. Sidonio Paes em Elvas não mereceram a acrimonia com que foram discutidas. Nem sempre fidedigno, os extratos comunicados aos jornaes de Lisboa desfigura-nos deveras. Se o senhor dr. Sidonio Paes se me impunha pelas suas qualidades de energia, acabou em Elvas de se me impor pelas virtudes da sua sinceridade. Ha, realmente, na situação presente, um grande, um grandissimo equivoco. E' esse equivoco que o senhor dr. Sidonio Paes procura honestamente dissipar? Colocado na posição excepcional em que se encontra para resolver o problema da ordem dentro da republica, o senhor dr. Sidonio Paes deseja e quer que nem por um momento se duvide dos seus sentimentos republicanos. Vê-se aplaudido, vê-se festejado. E então, para que se vinque bem o proposito da sua obra, s. ex.ª insiste, e insiste com uma lealdade que *me rende*, pela integração da republica nas aspirações sociaes da nacionalidade. O senhor dr. Sidonio Paes sente bem donde lhe vem o apoio. Porque o sente é que, abandonando por vezes o laconismo devido á alta magistratura que exerce, se alarga e amplia em considerações que nem agradam a uns nem a outros. De resto, é a consequencia natural da encruzilhada para que as decisões dum destino ainda incerto o atiraram em 5 de dezembro, ao som do canhão, no clima da Avenida.

No personalidade politica do senhor dr. Sidonio Paes existem dois aspectos que, embora se completem no espirito de s. ex.ª, se deglediam e prejudicam reciprocamente. Um,—é o do homem que circunstancias dolorosas da nossa vida de povo fizeram o vencedor da demagogia que nos avassalava. O outro,- é o republicano de principios que corre ainda, que corre sempre, atrás da sua chimera, reduzida á pureza linear duma bela concepção de matematico.

Ergue-se o país e aclama o militar cuja espada marcou uma pausa de desafogo nos dias vergonhosos que Portugal atravessava. E logo o senhor Sidonio Paes, furtando a sua pessoa e adiantando a sua convicção, se imagina vitoriado na republica ideal que procura fundar. Apresenta-se o senhor Sidonio Paes, por seu lado, á consideração duma patria que o tem como benemerito e não pensa senão em incorporar essa patria no sonho politico em que se confina e teima em esperar. Ora o equivoco tremendo é este. O sr. dr. Sidonio Paes vai além do problema da ordem e entra afoitamente pela estabilisação do regime. A maioria dos votos que o confirmaram constitucionalmente na presidencia da republica apenas se preocupou em dar garantias legaes de ação ao homem que corajosamente apareceu a desembaraçar-nos, com a ajuda de todos nós, — acrescente-se, da oligarquia que nos desgovernava, governando-se.

Pois, acertadamente, para que mais uma vez as coisas se phiassem pelo seu verdadeiro sentido, é que o senhor Dr. Sidonio Paes falou como falou em Elvas. Escusado é afirmar que em nada as intimas palidas declarações poderiam motivar qualquer afirmação mais agreste de Sua Excelencia.

A festa a que o senhor Dr. Sidonio Paes assistiu não era uma festa politica, era um festa agricola. Deputado monarquico pela região, cabia-me o dever de me associar a ela, tanto mais que a maioria da assistencia se compunha dos eleitores que, bem ou mal, precisamente os representa dentro da actual ficção parlamentar.

Aludi, como não podia deixar de aludir, á gravidade do instante, demonstrando bem o patriotismo de quem, professando principios adversos, enrolava transitoriamente a sua bandeira para só acudir á ordem social em perigo. Seguiu-se o discurso do senhor Presidente. A essencia dele fica exposta e não fez mais que repetir o que já se acentuara tanto em Santarem como em Beja, talvez com menos dureza, embora com mais insinuação. O resultado é de todos conhecido e não vale agora a pena comenta-lo. O que vale a pena é acentuar que o equivoco, apesar de tudo, concordar e continua em termos que serão dentro em breve inquietadores.

Ha, porem, uma diferença. E' que o equivoco não é dos monarquicos. O equivoco é do senhor Dr. Sidonio Paes. Não cuidamos nós que sua Excelencia está em Belem para nos restaurar a Realeza. Cuidamos apenas, que, portador duma solução provisoria, o sr. dr. Sidonio Paes se destina a ser gloriosamente o fiador da tranquilidade publica. Não é uma função policial que lhe distribuimos. E' a função que logicamente as exigencias desta hora lhe conferem. Nada mais falso para nós, monarquicos, do que a nossa atitude. Mas assumimo-la e mantemo-la, porque nos achamos vitimas da mesma fatalidade de que o senhor Sidonio Paes o é tambem.

Comtudo o parentesis passará, passará o interregno. E depois? Ninguem suponha que os monarquicos irão fazer uma revolução para depor o sr. Dr. Sidonio Paes. O sr. Dr. Sidonio Paes é que naturalmente se *deporá*, quando o seu momento tiver expirado. A ordem não é um homem, — não é um individuo. Não nasce por isso expontanea de sociedade. Só por meio de instituições proprias ela se gera, só por meio dessas instituições ela se conserva. E' o sr. Dr. Sidonio Paes uma instituição? Não o é — Se-lo-á amanhã com o seu anunciado presidencialismo? Tampouco. Por larga que seja a sua envergadura, mais larga foi a de Napoleão e Napoleão caiu. No entanto, Napoleão esforçou-se ainda por curar o arbitrario da sua posição com aquelas virtudes que só a *legitimidade* na *continuidade* concede á Monarquia.

Eis aqui porque o senhor Sidonio Paes ha-de forçosamente baquear. Ou impelido pela luta das facções, ou suplantado pela inteligencia secreta das leis da historia. O regime em que se apoia é um regime de opinião. Todos se julgam pelo menos com tanto direito como o senhor Sidonio Paes a instalar-se em Belem e a serem como Sua Excelencia presidentes da Republica. Quando invoca a democracia, o senhor dr. Sidonio Paes victoria assim a sua morte politica. Admitamos, em todo o caso, que não. Não se conhece nenhuma *situação pessoal* que não se esgote e acabe por se tornar intoleravel. Será o senhor Sidonio Paes uma excepção? Se o fôr, a solução persiste ainda em ser transitoria. Porque só o poder hereditario corrige as fraquezas do cezarismo, por modesto e hesitante que ele seja, como é o do senhor Sidonio Paes. A não ser que apelemos para a «ditadura sociocratica» de Comte. Mas isso é uma exquisitice de filosofo, fora de toda a realidade social e sem outro ambiente que o do gabinete em que foi gerada.

Com sinceridade igual á sinceridade do senhor presidente da republica, em pouco se resumem as impressões que o seu discurso de Elvas suscitou no meu espirito.

Entendi fixe-las no papel para que a verdade se restabelecesse em torno dum pequeno episodio bem depressa adulterado, não só pela distancia, mas principalmente pelos vespeiros da intriga surda e facciosa. Ouvindo o senhor dr. Sidonio Paes a sua desassombrosa lealdade tocou-me, mais uma vez o repito. Mas o equivoco não se dissipou, embora Sua Excelencia o quizesse desvanecido. E não se dissipou, porque, se ha um equivoco, esse equivoco não é nosso, esse equivoco não é dos que, servindo a monarquia, se vem o principio que criou e continuou a Patria. O equivoco é só de Sua Excelencia, que tendo vencido uma republica feita por republicanos, a pretende agora ressuscitar, fazendo-a com monarquicos. Outra não seria a resposta ao discurso de Elvas, se mejor que as palavras, os factos não houvessem de responder ao sr. dr. Sidonio Paes.

Antonio Sardinha.

Direitos e deveres...

O sr. Machado Santos, sobre cujo nome de baptismo não conseguiram ainda chegar a acordo o *Diario do Governo* e o orgão do Calhariz, escolheu as colunas ofelicas da ofelica *Opinião* para comunicar ás gentes deste país de maravilhas as suas graves apreensões de homem de estado e de economista.

Armou em sibila o ilustre marinheiro, cuja plasticidade de espirito se vai documentando dia a dia, nos mais diversos episodios dessa deliciosissima *blague* em que se resume afinal a politica republicana. E o oraculo falou, com a voz sur a e cava das grandes ocasiões agitando o espectro da revolução social, como quem sabe imenso ao pé do comum dos mortais, e declarando-se na resolução firme de assistir, *cá de palanque*, ás scenas de desordem e de pilhagem.

Em boa verdade se pode afirmar que, pela centessima vez na sua vida, perdeu o sr. Machado Santos uma ocasião excelente de estar calado, o que não deve já surpreender quem como nós o considera o mais espirituoso dos improvisos politicos.

Visionario da democracia, falho dos mais elementares principios da cultura dum estadista, o comandante da primeira Rotunda não pode arrancar-se ao namorado apego que lhe merece esta republica. Sente-se preso pelo nó suave duma paternidade incerta, mais que incerta, porque sem que se caia no pecado de maledicencia, pode a vontade suspeitar-se da moralidade escura da matrona ignorada que, vai para oito anos, deu á luz este monstrosinho tropego e vesgo que a nossa paciencia resignadamente sofre.

Ninguem duvida da sinceridade do sr. Machado Santos, ninguem desconfia da pureza das suas intenções; mas de boas intenções diz a voz do povo que está cheia a transbordar a caldeira de Pero Botelho...

A verdade é que o ex-ministro das subsistencias *não tinha o direito* de vir a publico, nesta hora dificil, dizer o que disse, a desproposito de questões melindrosas, com os ares macambuzios duma criança amuada.

Tornou-se um lugar-comum de artigo de fundo a a irmação de que o momento politico é de uma seriedade excepcional.

Compreendendo como isto é verdadeiro, convencidos da gravidade da crise que desgraçadamente se atravessa, nós sentimos a necessidade de cerrar fileiras em torno da imagem da Patria.

Dentro da sua esfera de acção, dentro do campo dos seus principios, cada um de nós tem o dever inludivel de ocupar o seu posto, *servindo* com desinteressado sacrificio, numa terra em que tantos se servem e tão poucos servem.

Obedientes ás instruções de Sua Magestade El-Rei, os monarquicos puzeram de lado temporariamente as suas reivindicações quanto é forma de governo, e sem abdicarem por um instante, por um só instante, das suas convicções intransigentes, não regateiam o seu franco aplauso aquelas medidas de caracter nacional que possam melhorar a nossa situação interna. Com uma generosidade nobilissima, aplanaram as difficuldades á politica honesta do sr. dr. Sidonio Pais, dando ás candidaturas do governo o seu apoio seguro, e contentando-se com a representação duma minoria honrosa.

Se mais não fazem monarquicos, se têm de negar a sua colaboração politica, é porque o sr. Sidonio Pais se não desprendeu por enquanto da sua quimera opiada do *ingresso na republica*, para realizar num ministerio nacional a aliança dos portugueres.

Por isso, á face desta atitude tão clara e desassombrada, é que nós nos sentimos com a autoridade de que se carece para se repetir ao sr. Machado Santos que ninguem tem o direito de falar como ele falou ha dois dias. A sua entrevista não significa apenas falta de tacto politico. A ninguem se pode exigir que dê aquilo que não tem, e nesse particular o chefe do 5 de outubro é duma indigencia tão imanentavel que qualquer regedor pode, sem hesitações, passar-lhe o atestado de pobreza em meia folha de papel branco, sem lhe levar dez reis de endumentos.

Não se deve censurar o sr. Machado Santos pela sua falta de espirito politico, tanto mais que não consta que aos comissarios de marinha se exijam conhecimentos largos da sciencia constitucional e da arte de governar os povos. Mas não pode tambem admitir-se que tudo se lhe perdoe, em atenção á sua mais que proverbial falta de tino, revelada a cada passo nestes assuntos, e que se torna uma defeza facil de argumentação barata, igual á das mulheres que se valem como *ultima ratio* da fraqueza natural do seu sexo.

Por muitos motivos eu não creio no espantalho revolucionario da U. O. N., e não descortino grandes possibilidades á manifestação violenta que o sr. Machado Santos profetiza e *que se ha-de produsir dias depois, embora as florestas de baionetas ensombrem as proprias arvores.*»

Qualquer gracioso de mau gosto seria capaz de observar ao ilustre entrevistado da *Opinião* que a sua linda imagem peca por inverosimil. Ou se trata de arvores raquiticas, ou de batalhões de gigantes, ou ainda numa terceira e improvavel hipotese de espingardas de kilometro e meio, porque de contrario não se percebe, por mais que se parafuse no caso, por que demonio de feitiço é que as baionetas hão-de dar sombra ás arvores.

Mas justamente porque não queremos confundir-nos com o tal gracioso de mau gosto, nós limitamos a objectar ao sr. Machado Santos que a ninguem neste momento assiste o direito de se desinteressar da politica, e de recusar o seu concurso ao grande esforço que tem de se levar a cabo, com a boa vontade de todos nós.

Pelo genero especial das suas ligações, o ex-ministro encontra-se numa situação unica no xadrez da nossa politica, graças aos contactos que mantem com certos elementos operarios da extrema esquerda. Se o sr. Machado Santos está informado dum plano tenebroso que parece conhecer a fundo, não pode regatear a sua colaboração sincera á obra honrada dos homens que trabalham por melhorar a nossa situação economica, por iniciativas dignas de louvor, como o decreto recente do secretario de estado das subsistencias que, imperfeito como é, representa contudo uma tentativa simpatica e digna de melhor exito do que aquele que infelizmente nos parece estar-lhe reservado, por razões varias que breve esplanaremos.

Entende o sr. Machado Santos que não, que para satisfazer os seus despeitos e animar a sua vaidade ofendida, pode e deve meter-se *em casa tranquillamente, a vêr de palanque a marcha dos acontecimentos*».

Victima duma ideologia estafada, o fundador revela-se, na sua mentalidade de republicano, o exemplo moribundo dos politicos profissionais, para quem a politica se cultiva como as belas letras, ou um *sport* elegante mal traduzido do inglês.

E' uma psicologia toda oposta á formação intelectual da gente nova que procura reedificar Portugal.

Democrata e bom democrata, o sr. Machado Santos conhece apenas os seus direitos, mas ignora os seus deveres. Julga-se auctorizado a aproximar-se ou afastar-se da politica por capricho, conforme lhe acariciam ou lhe beliscam a *vaidade*, capitulo em que parece excessivamente molestoso, como se o nosso exponente individual, com todas as pequeninas miserias de orgulho mais ou menos insofrido, não devesse apagar-se diante do interesse nacional que num dado momento reclama a nossa cooperação.

A carreira da politica não concede direitos de cidade ás birras infantis de cada um. Impõe-lhe pelo contrario obrigações pesadas a que se não pode fugir.

Geração de sacrificio, a quem pertence reabilitar as virtudes adormecidas da raça, bem mais nobre é a nossa finalidade, certos como estamos de que nos batemos nesta cruzada santa, não para satisfazer vaidades, mas no cumprimento do mais imperioso de todos os deveres.

E Deus não ha de querer que seja perdido o nosso esforço, nem que cheguemos tarde de mais para expiar, na dureza da lucta e no torvelinho das perfidias, os erros acumulados daqueles que se transviaram da estrada aberta da nossa historia, para nos deixarem esta herança dolorosa que não assusta a nossa fé.

Armando da Silva

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Telegramas de Italia falam numa contra ofensiva dos exercitos de Victor Manuel que o general Diaz, comanda, como Major general.

Como porem *até agora* nada ainda se descortina e se pode prever, deixemos passar alguns dias, conforme manda a boa prudencia, para ver em que «param as modas», como dizia o nosso Elmano Sadino:

E como na frente oriental tudo continua como dantes, quartel general em Abrantes» lancemos as nossas vistas para a carta da Asia Menor, que talvez alguma coisa de curioso ela nos dê a conhecer.

O *Temps* mostra-se muito preocupado com a ocupação levada a efeito pelos turcos na Persia das duas margens do lago de Urmia e da cidade de Tabriz, junto á fronteira do Kurdistan e no caminho directo da India por Teheran e Ispahan.

Deprehende-se do que diz o *Temps* que o governo persa, já indisposto, em virtude do acordo anglo-russo de 1907, com a Gran-Bretanha, não vê com maus olhos esta *ponte-hardie* dos turcos no seu territorio e que não será ele que ponha entraves á marcha de *approche* para o Afghanistan, cujas simpatias germanofilas são notorias.

E o *Temps* comenta o caso do seguinte modo:

«A Persia não pode ter o menor interesse em fazer o jogo da Alemanha, que cedo ou tarde ha de levar a um robustecimento do poder turco, robustecimento esse que constitue a mais séria ameaça para a independencia e integridade do reino do Schah...

«A terra pisada pelo cavalo turco em marcha para a Asia Central e para as Indias não poderá deixar de sofrer a sorte de todas as estradas de invasão, e não ser que se torne apanagio do invasor.»

A não ser que se torne apanagio do invasor,—é este o ponto essencial a frisar. Quem tome nota carta do Velho Continente e vá seguindo dia a dia o estender dos tentaculos germanicos para o Oriente, não pode deixar de se impressionar com o que *vai pendo* e que são factos bem mais positivos e solidos do que o vão frasendo dum Wilson arvorado em Pontifice-Maximo dos Imortaes-Principios.

Dum lado é a Peninsula Balkanica absolutamente integrada na Mittel-Europa. Depois a Ukrania a estender-se nada menos que até á Crimeia. Dahi a republica do Caucaso, sob a influencia germano-turca, flanqueada pelos dois mares—Negro e Caspio—com Batum e Baku—terminus de via ferrea. Agora a região de Tabriz é dentro em pouco todo o vasto planalto do Iran, de modo a ir apanhar em Herat e em Kabul o nó das ligações ferro-viarias da Asia Industanica.

E' qualquer coisa de positivo, segundo nos parece...

Atentemos ainda na propria situação da Persia, ribeirinha do Golfo Persico, desde o estreito de Ormuz até á propria foz do Chat-el-Arab. E depois?

Depois... depois — perguntamos nós: qual a situação dos Exercitos anglo-francezes da Mesopotamia, se um dia vêm sobre si esses turcos, vindo a ataca-los de flanco e pela rectaguarda, da propria Persia?

E' isso mesmo que leva o general De La Croix a escrever no «Temps»: Uma penetração das tropas turcas nesta região (do lago Urmia) ameaçaria de envolvimento a rezeita do Exercito da Mesopotamia, engajado no Pequeno Zab, onde acaba de repelir os turcos na direção de Mossul.

Tal ameaça de resto já se faz sentir tambem no exercito da Palestina, onde os inglezes renunciaram a estender a sua acção para além do Jordão, em vista do numeroso agrupamento de tropas turcas que se concentra na região de Damasco, sem duvida com o fim de isolar o exercito da Palestina, separando-o do Eufrates e de Mesopotamia.

E' esta a situação na Asia Menor.

Sabemos perfeitamente que seremos acusados por este motivo de versões á situação por um criterio pouco favoravel aos aliados — neste lindo paiz onde, ou se ha-de bater palmas em todas as circunstancias ou se é *traidor*... pelo menos.

Mas não faz mal! As cousas são o que são e não seremos nós jámais quem diga que é branco onde está negro e vice-versa...

A apreciação fria dos episodios de guerra — é essa a nossa missão, o nosso «serviço» e o «serviço» cumpre-se o melhor que se póde.

E, póde o leitor crêr: nem tudo o que vemos o deixamos transparecer aqui nestas colunas. Quantas e quantas vezes esperamos que a imprensa franceza se pronuncie... para então nós dizermos da nossa justiça.

Saturio Pires

Rainha Santa

E' hoje dia de Santa Isabel, Rainha de Portugal. Faz um ano que a sua figura alada de vitral se desenhou aqui na admiravel transparencia em que se contorna nas paginas da nossa historia. Santa Isabel, canonisada pelo povo, antes que a Igreja lhe inscrevesse o nome no latim sagrado dos missaes, é a bondade mistica do franciscanismo amanhecendo debaixo do ceu azul de Portugal. Não só espalhou a caridade e o amor a boa Rainha. A politica de D. Diniz enche-se do reflexo superior da sua inteligencia e como medianeira de santas lutas internas e externas, Roma a instituiu Mãe da Paz e da Patria. O seu escapulario purissimo é uma nota de severidade doce no festim lirico da côrte trovadoresca do *Rei Lavrador*, repartido entre a obra da Coroa e as carícias vagabundas das «evelidas». Recostemo-nos um pouco sobre o que lá vai e que Santa Isabel, Rainha de Portugal, não se esqueça da terra em que as suas cinzas repousam. Refloreçam de novo as rosas do milagre e que nas avenidas calmas dos jardins do Senhor o destino de Portugal seja sempre dobado pelas mãos carinhosas de quem o salvou da guerra e lhe quiz, em carne e em alma, como se quer a um filho!

Jorge Botelho Moniz

Afim de se incorporar no seu regimento partiu para Alcobaça este ilustre official, director do nosso prezado colega «A Situação». Ficou-o substituindo o senhor Arnaldo Pereira. Não conhecemos Jorge Botelho Moniz. Mas conhecemos a sua lealdade de jornalista e a sua valentia de militar. Tanto basta para que de aqui o saudemos, sinceramente, porque, embora adversarios em principios, não nos furtamos a affirmar a alta consideração que nos merece.

A Liberdade...

Dentro em breve, avisa o *Mundo*, estará funcionando em Lisboa, a congregação das irmãs de S. Francisco de Paula.

E José do Vale, apoplectico, furioso, clama pelo povo liberal, para que se levante e proteste. E o fabricante de bombas de serradura solta um viva á liberdade!, como quem solta um viva á perseguição, á vingança!

Pois, amigo José do Vale, se hoje, como ontem, se dão vivas á liberdade, e se todos desejam como o *Mundo* a liberdade, por que não hão de vir para Lisboa as «irmãs» de S. Francisco de Paula?

A sua vinda não será um sintoma de liberdade?

Ou o *Mundo* e o sr. José do Vale querem apenas a liberdade para o Quim e para o Mundo, ilustres desordeiros e assassinos, valorosos republicanos, queridos correligionarios seus?

Rainha Senhora D. Maria Pia

As damas de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia mandam celebrar uma missa no dia 5 ás 11 horas, na egreja da Encarnação, commemorando o anniversario do falecimento de Sua Magestade.

A antiga Irmandade das Senhoras Viuvas manda celebrar uma missa no dia 5 do corrente, ás 11 horas na egreja da Encarnação, por alma da sua Augusta Fundadora, de saudosa memoria.

Minorias monarquicas

Tenho a honra de convidar os srs. Senadores e Deputados monarquicos eleitos para uma reunião que deve realisar-se no proximo dia 12, pelas 4 horas da tarde, na séde das Juventudes Monarquicas Conservadoras, travessa das Mercês, 53.

Aires de Ornelas

Julio Sobral Cid

Se os mortos passam depressa, não passará para nós a lembrança de Julio Sobral Cid. Na sua mocidade dedicada e inteligente, foi dos nossos melhores companheiros nos ultimos anos de Coimbra.

Era um espirito que seabria ao contacto do grande movimento nacionalista que nos veio mais tarde a reunir no reduto em que hoje nos batemos. Cheio duma extraordinaria adivinhação mental, Julio Cid antecipava-se nas caminhadas que tanta dor de pensamento nos custaram.

Caiu bem cedo, — na idade lirica em que tudo são frutos de oiro num pomar inquieto de sonhos. E' já uma visão distante, em que apenas arde o lume extranho da sua alma serena e boa. Recordaram-no agora condiscipulos seus. Num instante de recolhimento piedoso, recordemo-lo nós tambem, que tão perto de nós o vimos num tempo que passou como passam os perfumes e as rosas.

Deus o recebesse em Graça e que as nossas palavras mereçam de quem as leia uma prece singela por sua intenção.

Aniversario

Cumprimentamos o *Capital* por ter entrado no ano 9.º da sua publicação.

No congresso

O *Diario de Noticias* inseria ontem a seguinte noticia a respeito da distribuição dos logares na futura Camara dos Deputados:

Com a noticia da proxima abertura das camaras já no Palacio do Congresso teem ido marcar logares muitos dos nossos deputados e senadores. A opposição monarquica tomará na Camara dos Deputados logar á direita da presidencia e já ali se veem marcados os 40 logares que a minoria deve ocupar na sala. Para esse efeito estiveram na Camara dos Deputados, na sexta-feira ultima, como delegados dos seus collegas na opposição, os srs. Moreira d'Almeida, conde da Arrochela, Antonio Telles de Vasconcellos e dr. Fernando Pizarro.

Na segunda bancada, a contar do centro da sala e numa fila que conta quatro lugares ficam os ministros do antigo regimen que teem assento na actual camara, os srs. Ayres d'Ornellas «leader», Antonio Cabral, José d'Azevedo Castello Branco, o sr. Luiz de Castro (conde de Nova Goa), seguindo-se-lhes os srs.:

J. A. Moreira d'Almeida, Annibal Soares, visconde do Sardoal, (Trigueiros Frazão), Arthur Carvalho da Silva, J. Lobo d'Avila Lima, Francisco Joaquim Fernandes, Ruy de Andrade, F. Lobo, Alfredo Pimenta, Alberto Navarro, A. Telles de Vasconcellos, P. Roma Martins, conde d'Arrochella (Ferrão Castello Branco), Antonio Hintze Ribeiro, A. Horta Osorio, A. Carneiro Pacheco, A. Duarte Silva, Camillo Castello Branco, José Cabral, Luiz Ferreira, Joaquim Saldanha, Fernando Pizarro, José Sucena, F. Assis de Magalhães, João Lucio, F. Bivar Weinholtz, João Miranda, C. Pinto da Cunha, A. Campos Monteiro, Caspar d'Abreu, Alfredo Cunhal, F. da Cruz Amante, Antonio Sardinha, J. Tequito Rebello, Eugenio de Araujo e João Moreira d'Almeida.

Ainda a este respeito elucidava o nosso presado colega **O Dia**:

Quanto aos logares da opposição monarquica, que ocupará, como é da praxe, a direita da Camara, os deputados que, ouvido o sr. conselheiro Ayres d'Ornellas, se dirigiram a S. Bento para marca-los, fizeram-no indistinctamente e sem quaesquer prioridades que não podiam estabelecer-se, ficando reservado, é claro, a cada um dos deputados trocar com quaesquer outros dos seus collegas monarquicos o logar que provisoriamente se lhes reservou. Na primeira bancada entendeu-se que deveriam ficar os deputados que já foram ministros d'Estado.

Uma atoarda

A *Vanguarda* num artigo *Generos alimenticios*, a propósito da questão do azeite, insinua que o senhor Secretario de Estado da Agricultura vendeu o seu azeite á Companhia União Fabril por preço superior ao da tabela.

- Não é verdade!

E não é verdade, porque casualmente soubemos de fonte segura que a venda foi feita em janeiro, dois mezes antes do senhor dr. Fernandes de Oliveira ser chamado ao poder e pelo preço de 660 rs. o quilo, ou seja um pouco menos de 600 rs. o litro, quando o preço da tabela é de 600 rs. o litro, por se tratar de azeite finissimo, extra, com menos de 1 grau de acidez.

Postas assim as coisas no logar, nós preguntamos a que proposito obedece a insinuação da *Vanguarda*? Os fins são faceis de ver...

Augusto da Costa

De passagem por Lisboa, deu-nos o prazer da sua visita este nosso presado amigo e colaborador, que tanto na *Monarquia* como na *Restauração* está afirmando as suas belas qualidades de combate e de intelgencia.

"A Opinião"

A redacção da «Opinião comunica que este jornal foi hontem apreendido sem motivo justificado, porquanto foram cumpridos absolutamente e rigorosamente todos os cortes feitos pela censura.

Comunica ainda que nesta data já apresentou recurso do sucedido junto do secretario de estado do interior e do chefe do distrito.

Protestamos contra o procedimento havido para com o nosso colega.

Conde de Martens Ferrão

Atualmente na Argentina, este ilustre diplomata e nosso prezado amigo é um dos nomes indicados para a legação (e porque não embaixada? preguntamos nós como o *Dia*) a criar junto do Vaticano. Naturalmente será o escolhido, não só porque o senhor conde de Martens Ferrão serviu com seu pai em Roma, como pela extraordinaria situação de que dispõe em Italia pela sua aliança com uma das principaes familias de Florença.

Escusado é dizermos a alegria com que o veremos num logar que por todos os motivos lhe deverá pertencer.

Incompreensivel

Ha dias no «Mundo» escrevia-se isto:

«O que se fez? «Espera-se», respondia o José do Vale.

Ontem a «Republica» anunciava uma reunião politica de todas as personalidades que fazem parte da junta consultiva do partido republicano evolucionista (sic).

Hoje, sob o titulo de «Um plano sinistro» o Sôsa dos Congregados garante ao publico que ha elementos republicanos que preparam uma pavorosa.

A ajuntar a isto a campanha do jornal da rua de S. Roque a favor dos assassinos e gatunos deportados.

¿Que mistério é este?

«A Situação»

Em virtude de ter deixado de exercer o cargo de ajudante do sr. Presidente da Republica e partir dentro em breve para Alcobaça, a cujo regimento pertence, deixa provisoriamente de ser director do nosso colega da imprensa «A Situação» o sr. Jorge Botelho Moniz, alferes de artilharia. Durante a sua ausencia assume a direcção daquele diario governamental o seu actual chefe de redacção sr. Arnaldo Pereira.